

Resenha

Interesses Cruzados: A produção da cultura no jornalismo brasileiro
(GADINI, Sérgio Luiz. São Paulo: Paulus, 2009 – Coleção Comunicação)

Renata Escarião PARENTE¹

Parte do resultado da tese de doutoramento que Sérgio Luiz Gadini defendeu no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação na Unisinos, entre 2000 e 2004, o livro discute o modo como o jornalismo produzido pelos cadernos de cultura dos diários brasileiros participa dos processos e relações de instituição cotidiana da realidade cultural.

Uma realidade que, segundo o autor, “tem como bases de formulação um conceito de jornalismo; a identificação do que é apresentado como cultura pelos cadernos dos jornais diários brasileiros; a abordagem do processo de produção periodística brasileira e, em última instância, também do próprio campo da cultura”. (p.19)

Gadini teve a preocupação de discutir o jornalismo cultural brasileiro para além de rótulos de fácil caracterização, evitando a simplificação das relações do circuito midiático da cultura contemporânea.

No primeiro capítulo, *Pluralidade metodológica...Em busca de uma variedade de olhares*, o autor expõe a metodologia utilizada na pesquisa. Gadini conta que adotou da etapa bibliográfica a observação direta, além de entrevistas e questionários enviados a diferentes setores do campo cultural, levando em conta as análises e olhares de leitores, editores e assessores de imprensa das indústrias culturais, além de produtores culturais.

O pesquisador analisou cadernos culturais de 20 diários impressos, selecionados levando em conta tiragem, circulação, influência regional e nacional, bem como fatores relacionados à realidade econômica, política e cultural do país. Os 20 periódicos foram analisados entre os dias 8 (sexta-feira) e 19 (segunda-feira) de agosto de 2002, aproveitando dias de maior realização de eventos culturais que é o final de semana e um mês onde, segundo ele, não há centralidade temática no agendamento midiático.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGC/UFPB. E-mail: renataescario@gmail.com

Gadini abre o segundo capítulo, *Cultura e Jornalismo como espaços de interação e visibilidade social*, abordando a cultura como produção social e delimita o que considera campo cultural. Conceitua cultura a partir de uma perspectiva construtivista buscando pensá-la “como uma construção contínua, um campo em disputa marcado pelas mais diversas formas de expressão e materialidades” (p. 36). Afirma que “a cultura estaria mais para expressões, situações e relações cotidianas da vida social” (p.38), configurando-se como uma construção histórica.

O autor também passeia pelos conceitos de jornalismo e aborda algumas teorias do jornalismo com ênfase na abordagem construtivista e na sociologia interpretativa do jornalismo. A partir de autores como Adelmo Genro Filho, Adriano Rodrigues, Gaye Tuchaman e Miquel Alsina reforça um olhar sobre o jornalismo como construtor de sentido, de realidades e de um “mundo possível”, como capaz de reforçar a ordem existente ou criar novos sentidos.

No terceiro capítulo, *Apontamentos sobre a noção de jornalismo cultural*, o autor inicia a discussão mais específica sobre jornalismo cultural e começa apresentando os conceitos trabalhados por autores como Maria J. Villa, Ivan Tubau, Jorge Rivera e José Luiz Martinez Albertos. A partir destes conceitos ele apresenta o jornalismo cultural como formado por uma base heterogênea e que “participa da instituição das relações, fatos e situações que formam o campo cultural contemporâneo” (p. 80).

Uma das observações mais importantes que o autor faz neste capítulo é quanto ao que acontece na editoria de cultura como tendência contrária ao que acontece em outras editorias no que diz respeito a separação de gêneros e a provocação de polêmicas. Segundo Gadini, “podemos falar em um relativo abandono ou “esquecimento” de modelos tradicionalmente usados para separar a produção jornalística em gêneros como opinativo, informativo e interpretativo” (p.83). Os cadernos culturais seriam marcados pela pluralidade de gêneros e de vozes, o que os instituíram como um campo polêmico.

O autor conclui também que há uma formatação cotidiana da cultura pelo que entra ou não nas páginas dos cadernos culturais. O processo de agendamento forjaria “comportamentos de consumo, adesão e leitura” se legitimando como “um mecanismo que participa da instituição cotidiana do campo cultural na contemporaneidade” (p. 84).

No capítulo *O jornalismo e a instituição cotidiana do campo cultural*, o autor procura nortear uma delimitação de características para os campos cultural e jornalístico, a relação entre eles e suas autonomias. Os conceitos são baseados principalmente nas ideias do sociólogo francês Pierre Bourdieu.

O autor defende que o jornalismo é um elemento instituinte do campo cultural contemporâneo por atribuir a ele maior visibilidade. Gadini usa uma definição de Bourdieu para campo jornalístico. O campo jornalístico agiria sobre os demais campos e todos os campos de produção cultural estariam sujeitos as limitações estruturais do campo jornalístico.

O quinto capítulo do livro, *A cultura como notícia no jornalismo brasileiro*, é destinado a um panorama histórico do desenvolvimento da imprensa no Brasil e do surgimento e consolidação do jornalismo cultural nesse contexto. Segundo o autor, o modo como a cultura passa a ser representada nos diários impressos tem relação com o papel de agente integrador que a imprensa vai assumindo no processo de construção cotidiana das relações que configuram o campo cultural, fortalecendo este campo no país.

Gadini faz um estudo histórico da comunicação com base não em um olhar político, mas em um olhar cultural, observando o modo como o jornalismo cultural brasileiro contemporâneo participa da formação do próprio campo cultural. Ele abre o capítulo destacando que a formação de um público consumidor está associada à modernidade, ao crescimento da urbanização e desenvolvimento do capitalismo industrial, assim como da indústria cultural.

No Brasil esse processo tem início a partir do século XIX com a chegada da família real, tendo a cidade do Rio de Janeiro como referência cultural urbana. É nesse período que surgem os periódicos no Brasil - incluindo as revistas - onde as temáticas culturais tem espaço apenas no campo literário, com publicação de poesias, resenhas, novelas e contos publicados no final de semana.

A confusão entre imprensa e literatura se prolongaria até o início do século XX, quando há, de fato, a formação a consolidação da imprensa nacional. A cultura adquire mais importância nas páginas diárias neste momento também, a exemplo do tratamento recebido no Correio da Manhã, criado em 1901. É na virada do século XIX para o XX que as revistas também se consolidam.

A partir da década de 40 pode-se considerar a presença de atividades vinculadas a uma cultura popular de massa no Brasil, impulsionadas pelo crescimento da radiodifusão. O autor destaca as décadas de 40 e 50 como os momentos de incipiência de uma sociedade de consumo no Brasil. Especialmente a década de 50, por registrar importantes transformações na mídia. É aí que se fortalecem os suplementos literários e que surge a maioria dos cadernos culturais. Foi na década de 80 que o modelo de jornalismo cultural que conhecemos teria sido instituído, com o que Gadini chama de ‘modelo de cadernização’ dos diários brasileiros e o surgimento dos cadernos diários de cultura.

Debruçando-se sobre a análise dos 20 diários que compõem a pesquisa, Gadini aborda no sexto capítulo as principais características que perpassam estes periódicos, observando que para além das peculiaridades de cada um, possuem estruturas editoriais comuns que caracterizam a produção cotidiana dos cadernos culturais do país independente do local onde são produzidos.

O autor identificou que os principais jornais do país apresentam na estrutura editorial dos seus cadernos culturais: matérias jornalísticas, crítica cultural, coluna social, serviço e roteiro com destaques das programações culturais locais, além de guia ou programação da TV, e variedades. O columnismo social, as programações de TV e as agendas culturais ocupam, na análise de Gadini, maior parte do espaço desses cadernos (50%). 10% estaria destinado a variedades, restando apenas 40% para a publicação de matérias jornalísticas e críticas culturais. Na maioria dos casos esses textos são ensaísticos, com um caráter mais de comentário que de crítica.

O autor abre o capítulo sete, *Além da informação e do consumo: o jornalismo cultural como sinônimo de interpretação e crítica*, afirmando que falar em jornalismo cultural é falar em crítica e ao longo das páginas analisa a colocação da crítica no jornalismo cultural brasileiro. Ele destaca ainda que a crítica não se dissocia da divulgação e do caráter de serviço que marcam a produção no campo cultural e se constitui em um dos elementos essenciais do jornalismo contemporâneo.

É na passagem do século XVIII para o século XIX que a crítica se consolida nos jornais brasileiros, associada a urbanização e a transformação do espaço público, deixando os limites dos círculos nobres para assumir um caráter educativo através dos periódicos do emergente mercado literário.

Segundo o autor, já no século XX a atitude crítica passa a ceder espaço para a prestação de serviço - após a Segunda Guerra - quando o modelo americano é adotado como referência no jornalismo brasileiro. É nesse período que a crítica sai exclusivamente dos suplementos de final de semana para ocupar as páginas diárias das editorias de cultura de jornais de todo o país.

Gadini defende que o exercício da crítica cultural precisa romper os círculos fechados para ganhar adesão da sociedade civil organizada.

Encaminhando-se para as considerações finais, Gadini aponta no oitavo capítulo, *O jornalismo cultural na era da indústria do entretenimento*, a tendência - no jornalismo cultural brasileiro contemporâneo - a redução do campo cultural ao entretenimento com o sentido de diversão e passatempo.

O segundo aspecto seria a associação do entretenimento à publicização da vida privada e ao personalismo, e o terceiro a tradição do colunismo social presente no jornalismo brasileiro. Segundo Gadini, os três aspectos sintetizam a tendência, cujo principal problema é reduzir as várias dimensões do jornalismo a espetacularização e a lógica do entretenimento.

Tal tendência teria começado após a Segunda Guerra quando a indústria hollywoodiana do cinema se expande para vários países do mundo, influencia que se consolida no Brasil na década de 1990. De acordo com o autor, o fortalecimento da penetração televisiva teria sido fundamental para fortalecer no Brasil essa tendência, com intensificação ainda maior após o advento das novas tecnologias da comunicação.

Assim, o principal desafio do jornalismo cultural brasileiro seria “buscar formas de abordar a cultura como um campo de tensões, conflitos e projeções dos modos de viver, pensar e agir dos grupos humanos” (p.280).

Nas considerações finais da obra, Gadini elenca o que chama de “lógicas na produção do jornalismo cultural brasileiro”, com características marcantes e comuns aos cadernos culturais dos periódicos estudados.

Gadini fala de uma suposta crise do jornalismo cultural desde a década de 1990. No entanto pondera se trata-se mesmo de uma crise, questionando se não seria uma das transformações no jornalismo brasileiro como forma de se adequar à lógica da comercialização das produções no campo cultural.

O autor encerra a última parte refletindo que reduzir a cultura ao entretenimento pode ser uma forma de contribuir com o enfraquecimento da cultura como expressão múltipla e plural, onde se situam a busca e a referência da cidadania.

Observamos que na introdução o autor apresenta como constatação da sua pesquisa que há “a ausência de um estudo mais consistente e sistemático sobre o jornalismo cultural brasileiro, que considerasse a diversidade tanto na produção cultural quanto periodística do país, ou mesmo que se preocupasse em compreender, e não apenas em qualificar, a produção jornalística no campo cultural” (p.19).

E é no sentido de enveredar por um caminho que supra essa ausência que o trabalho do autor contribui para os estudos na área, quando ele abarca as principais características desses diários com uma visão crítica que nos permite entendê-los como participantes e interventores na vida cultural cotidiana através do modo como pautam a cultura em suas páginas. Assim, Gadini chama a atenção para a importância da prática jornalística e sua função social, e para o papel que os segmentos sociais e profissionais cumprem nesse processo, deixando claro como o entrelaçamento de relações contribui para a conformação do cotidiano que compartilhamos.